

Práticas formativas para a escola e comunidade: fortalecendo a alfabetização e a cultura por meio da extensão universitária

Maria Eduarda Policarpo¹

Ilisabet Pradi Krames²

Sabrina Silva Campos³

Tatiane Natalino Sant Ana⁴

Natan Pedro Schneider Filho⁵

RESUMO

Este texto relata práticas extensionistas realizadas no ano de 2022, junto a crianças do segundo ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino, em Itajaí – SC. As ações decorreram do projeto de extensão Práticas Formativas para a Escola e Comunidade, visando à promoção de práticas emancipatórias junto a instituições de ensino da rede pública dos municípios de abrangência da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. As intervenções pedagógicas foram organizadas a partir de um projeto de leitura e escrita que culminou com a elaboração de um livro de histórias e a visita ao Museu Histórico da cidade. Evidencia-se, assim, a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão.

Palavras-chave: extensão universitária; museu; alfabetização; letramento.

Formative practices for the school and community: strengthening the alphabetization and the culture by the university extension

ABSTRACT

This text reports extensionist practices carried out in the year 2022, with children in the second year of elementary school at a public school in the municipal education network, in Itajaí - SC. Thus, the indissociability between research, teaching and extension is evident. The actions resulted from the extension project Practical Practices for the School and Community, aimed at promoting emancipatory practices with educational institutions in the public network of the municipalities covered by the University of Vale do Itajaí – UNIVALI. The pedagogical

¹ Licenciatura em História. Universidade do Vale do Itajaí. mariap@univali.br.

² Doutora em Educação: Currículo/PUC-SP (2010). Mestra em Educação: Currículo/UNIVALI (2003). Graduada em História/UNIVALI (1999). Graduada em Pedagogia/UNIGRAN (2019). Especialista em História Social/UDESC (2001). Especialista em Filosofia e Direitos Humanos/PUC-PR (2019). Docente na Escola de Negócios, Educação e Comunicação- ENEC e na Escola de Ciências Sociais e Jurídicas da UNIVALI. Possui experiência na área de gestão educacional e coordenação pedagógica. Atua como formadora na Educação Básica com os temas: Educação e Direitos Humanos, Planejamento Educacional, Organização curricular, Práticas e projetos educativos, Formação inicial e continuada. Participa do grupo de Pesquisa: Ensino de História, Identidades e Relações Étnico Raciais PPGE/UNIVALI. Professora coordenadora do Projeto de Extensão Práticas Formativas para Escola e Comunidade ENEC. Professora orientadora do Projeto Laços do Saber: aplicar e desenvolver atividades diferenciadas para reforço escolar- PROESDE Desenvolvimento. Professora orientadora da Pesquisa: O ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental: entre desafios e possibilidades - Projetos de Iniciação Científica UNIEDU-Pesquisa/ Universidade do Vale do Itajaí. ilisabet@univali.br.

³ Graduação concluída. Colégio de Aplicação da Univali (CAU). Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). sabrinacampos@univali.br.

⁴ Licenciatura em História. Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). tatiane@univali.br.

⁵ Licenciatura em História. Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). natan_filho@edu.univali.br.

interventions were organized based on a reading and writing project that culminated in the creation of a storybook and a visit to the city's Historical Museum.

Keywords: university extension; museum. alphabetization; literacy.

1 INTRODUÇÃO

Parte-se do pressuposto de que ensino, pesquisa e extensão formam uma tríade indissociável. Sendo assim, este artigo objetiva relatar práticas extensionistas realizadas no ano de 2022, em uma escola pública da rede municipal de Itajaí – (SC). As ações decorreram do projeto de extensão Práticas Formativas para a Escola e Comunidade, visando à promoção de práticas emancipatórias junto a instituições de ensino da rede pública dos municípios de abrangência da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

O projeto de extensão viabiliza a construção e o compartilhamento de conhecimentos a partir de ações integradas entre os cursos de licenciatura da universidade, acadêmicos bolsistas/voluntários, egressos, estudantes e professores de escolas públicas e instituições parceiras, primando pela “promoção de espaços de reflexão e produção de materiais que contribuam para a formação inicial e continuada de profissionais da Educação Básica” (Krames *et al.*, 2022, p. 645).

A extensão é uma “construção ou (re)construção de conhecimento”, processo que exige a interlocução entre diferentes atores, de dentro e de fora da universidade, para que seja possível “identificar problemas, informar, capacitar e propor soluções” (Thiollent, 2022, p. 38). Nesse contexto, a interlocução com a escola permitiu identificar, junto a duas turmas de crianças do segundo ano do ensino fundamental, os desafios e as possibilidades inerentes ao processo de alfabetização e letramento. Diante desse cenário, a equipe extensionista foi desafiada a planejar ações que contribuíssem com o processo de alfabetização e letramento. Duas ações específicas foram realizadas: o projeto de leitura, escrita e produção do livro intitulado "Pequenos escritores, grandes ideias" e a organização de uma visita ao Museu Histórico de Itajaí.

O projeto de leitura e escrita teve como objetivo estimular o desenvolvimento das habilidades literárias das crianças, incentivando a criatividade e promovendo a expressão das próprias ideias. Essa iniciativa visou proporcionar um ambiente propício para o aprimoramento da alfabetização e do letramento, valorizando as vozes e as perspectivas das crianças como protagonistas das próprias histórias.

A visita ao Museu Histórico de Itajaí, por sua vez, teve o propósito de ampliar o repertório cultural das crianças, proporcionando-lhes conhecer e valorizar a história local. Por

meio dessa experiência, as crianças puderam relacionar conteúdos aprendidos em sala de aula com o contexto histórico e cultural da região, ampliando a compreensão do mundo. Dessa forma, a interlocução entre a universidade e a escola resultou em ações concretas que visam promover a alfabetização, o letramento, a expressão criativa e a valorização do patrimônio cultural, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e estabelecendo vínculos significativos entre a academia e a comunidade.

Diferentes autores e documentos possibilitaram construir o marco teórico que fundamenta a reflexão aqui apresentada. Entre eles, Brasil (2018); Freire (2014); Itajaí (2022); Neto *et al.* (2023); Krames *et al.* (2022); Soares (2009); Soares *et al.* (2016); Thiollent (2022), entre outros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O projeto Práticas Formativas para a Escola e Comunidade está articulado ao objetivo de desenvolvimento sustentável - ODS 4 (ONU, 2015), realizando ações voltadas à educação de qualidade com vistas à emancipação do sujeito. Também está em consonância com as normativas dispostas na Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018, a qual estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. No Artigo 3º, a Resolução compreende a extensão como um importante processo

[...] interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (Brasil, 2018, p. 1-2).

A interação entre a universidade e seu entorno, é condição para que a formação acadêmica corresponda com as demandas sociais do seu tempo. Thiollent (2022) defende que a partir da

[...] interdisciplinaridade entre grupos universitários e, por outro, o diálogo intercultural com os membros externos, cria-se, durante a realização do projeto, um espaço de interlocução onde se produzem efeitos de compreensão, de “tradução”, de facilitação no plano da comunicação. De acordo com a visão crítica, todos os participantes aprendem em contato com os outros, aceitando relativizar seus pontos de vista (Thiollent, 2022, p. 42, destaques do autor).

A extensão, vivenciada no ambiente escolar, é capaz de promover mudanças importantes, pois o exercício da licenciatura tende a se tornar mais reflexivo e ativo, com resultados que se firmam em atitudes as quais vão além do conhecimento técnico, possibilitando a formação do indivíduo de maneira integral. Nessa perspectiva, Freire (2014) afirma que “[...]

transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador [...]” (Freire, 2014, p. 34-35).

Partindo desse postulado, evidencia-se a interlocução entre extensionistas e a escola pública, a qual se constitui em elemento central para a formação inicial dos licenciandos, porque auxilia na compreensão da realidade escolar ao mesmo tempo em que promove o exercício respeitoso e ético da relativização dos pontos de vista e da cultura. Esse exercício antropológico é imprescindível para a construção de uma docência alicerçada na ciência, no protagonismo do estudante e na alteridade. Por essa razão, as ações doravante relatadas estão ancoradas em uma perspectiva metodológica de extensão que reconhece a importância das “dimensões participativa, crítica e emancipatória”, conforme defende Thiollent (2022, p. 45).

3 METODOLOGIA

As práticas extensionistas foram realizadas no ano de 2022, de agosto até dezembro, em encontros quinzenais, com um grupo de 54 crianças, divididas em duas turmas, matriculadas no segundo ano do ensino fundamental em uma escola da rede pública municipal de Itajaí (SC). Foram planejadas no intuito de atender a demanda sinalizada pela escola, que diagnosticou dificuldades acentuadas no processo de alfabetização e letramento das crianças.

Diante da demanda, foi realizado um projeto de leitura, que deu origem a um livro escrito pelas crianças e a uma visita ao Museu Histórico de Itajaí. Essas ações exigiram planejamento colaborativo entre acadêmicos, professora regente das duas turmas, escola, secretaria municipal de educação e museu histórico.

O grupo extensionista foi composto por licenciandos de História e Pedagogia, o que contribuiu sobremaneira tanto no que diz respeito ao projeto de leitura e produção do livro quanto na mediação realizada no Museu Histórico de Itajaí. Foi necessário realizar um planejamento cuidadoso, definindo metodicamente as ações: selecionar a obra apresentada às crianças e as estratégias didáticas utilizadas, entre as quais a roda de conversa. Também foi necessário compreender o processo de alfabetização e letramento bem como encontrar formas didaticamente coerentes de revisão dos textos, ação que contou com o apoio permanente da professora regente de sala. As ações passam a ser detalhadas a seguir.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, os anos iniciais do ensino fundamental têm como proposta aprofundar “[...] as experiências com a língua oral e escrita já iniciadas na família e na Educação Infantil” (Brasil, 2017, p. 89). Nesse sentido, nos dois primeiros anos do ensino fundamental espera-se que seja possível consolidar e sistematizar a alfabetização, a fim de dar continuidade ao processo permanente de letramento.

Segundo Soares (2016), a escola deve ser um espaço que valoriza as artes, prioriza a cultura e se dedica ao processo de culturalização. Ela deve levar em consideração o seu entorno e estabelecer parcerias para ampliar o contato entre os estudantes e as artes. A partir dessa concepção, as ações do projeto de extensão buscaram concretizar a parceria que a escola sinalizou necessitar e, mediante um diagnóstico prévio, planejou e mediu experiências interdisciplinares envolvendo observação, leitura, escrita e visita ao Museu Histórico de Itajaí, este como espaço de produção e ampliação de arte e cultura.

Os extensionistas, com auxílio da professora regente de classe, organizaram a ambientação do espaço físico da sala de aula e promoveram rodas de conversa e de leitura a partir do livro *Da Janela de Minas* (2021), da autora Nicole Rodrigues Florentino. Em seguida, foi perguntado às crianças o que elas viam das janelas de suas casas. Os relatos evidenciaram várias paisagens e elementos que posteriormente foram trabalhados nos componentes curriculares de Arte, História e Geografia. Também indicaram as disparidades econômicas e sociais materializadas nas estruturas precárias de moradia, como casas que não possuíam janelas e outras nas quais as janelas não permitiam visualizar paisagens, por estarem muito próximas a outras edificações. O registro das falas, provenientes da roda de conversa, foi feito por meio de desenhos a partir dos quais foi produzido um painel visual, com papel pardo, posteriormente afixado na parede da sala de aula, com o título “O que vejo da minha janela”.

Na roda de conversa, uma das crianças mencionou que a personagem do livro avistava um museu da janela da sua casa, mas que ela (a criança) nunca havia estado em um museu. Os demais colegas disseram o mesmo. Questionados sobre o que é um museu e onde havia museus, as crianças disseram que era “um lugar cheio de esqueletos e dinossauros”⁶ e que só havia museus em cidades distantes de Itajaí. Após receberem a notícia de que existem dois museus em Itajaí, as crianças demonstraram surpresa e expressaram o desejo de conhecer um museu. Diante desse pedido, os extensionistas, a professora regente e a direção da escola uniram esforços em parceria com a secretaria municipal e a equipe do Museu Histórico de Itajaí, para providenciar, de forma coordenada, o transporte, a alimentação e a visita guiada ao museu.

Perceber que nenhuma das crianças sabia da existência dos museus no município onde

⁶ Fala de uma das crianças, confirmada pelas demais.

estudam provocou uma série de indagações e reflexões entre os participantes da equipe extensionista: Para quem é o museu? Quem tem acesso ao museu? Por que nenhuma das crianças sabia da existência dos museus em Itajaí? Conforme o Plano Museológico de Itajaí 2022-2027, os museus, enquanto instituições culturais, têm por primazia desempenhar o papel fundamental de preservar, catalogar, exhibir e estudar objetos de natureza artística, histórica, cultural e científica. Como espaços físicos, os museus são de domínio público, ou seja, estão à disposição de toda a sociedade e, portanto, existem para atender, acolher e servir as pessoas. Além disso, os museus são espaços onde ocorrem diálogos culturais, encontros e trocas de conhecimento. Eles são ambientes que fomentam a reflexão sobre a identidade, a diversidade cultural e a evolução da sociedade ao longo do tempo (Itajaí, 2022). Portanto, o acesso aos museus deve ser para todos, visando contribuir para o enriquecimento cultural e intelectual de cada indivíduo que os visita.

Enquanto as tratativas da visita ao museu eram realizadas, a equipe extensionista deu sequência ao projeto de leitura e escrita, com a elaboração de textos autorais das crianças. Elas foram estimuladas a produzir pequenos textos com temas que lhes chamassem atenção. Os temas escolhidos mostraram fatos (reais e fictícios) possivelmente ocorridos no cotidiano das crianças: histórias com animais de estimação; visita a familiares; passeios com a família; comidas apreciadas; reencontro com parentes; presença e ausência de pessoas queridas; saudades; medos, entre outros.

No primeiro momento, cada criança produziu a história dentro do nível de domínio da escrita em que se encontrava. No decorrer do processo, foi realizada a revisão e reescrita mediada pela professora e pelos extensionistas. Estimular a criança a reescrever o texto permitiu que ela desenvolvesse o próprio repertório de escrita. Ao final do período de dois meses, os textos se encontravam ilustrados, formatados, reescritos várias vezes pelas crianças e revisados pelos extensionistas. Eles então foram organizados em um livro impresso⁷ e entregues às crianças num evento de autógrafos que envolveu familiares, a escola e os extensionistas.

Magda Soares (2009) estabelece a diferença entre ser alfabetizado e ser letrado. Ser alfabetizado é saber ler e escrever, no entanto, ser letrado seria atingir uma condição mais ampla do saber da escrita e leitura. A autora afirma:

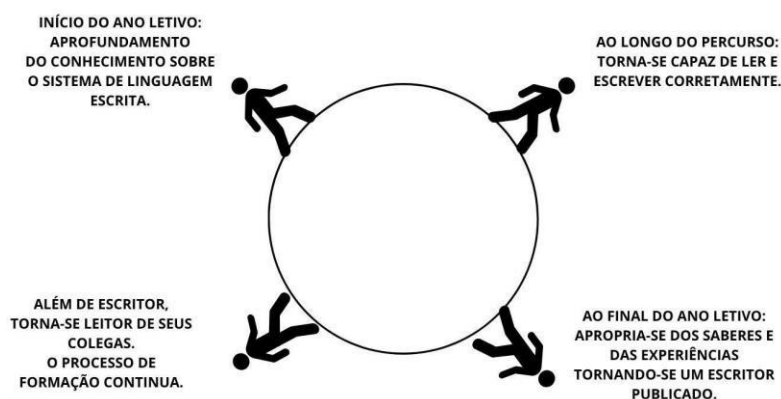
Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural - não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura - sua relação com os

⁷ Livro Pequenos escritores, grandes ideias. Acesso disponível em:
https://www.canva.com/design/DAFR7U2fYJw/QRsoomRRK5mfzmAywJStHA/edit?utm_content=DAFR7U2fYJw&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (Soares, 2009, p. 37).

Ao alcançar o letramento, a criança tem a possibilidade de pensar de maneira distinta, expressar-se de forma diferenciada e ser capaz de interpretar e valorizar o próprio papel na sociedade, mas para tanto precisa passar pela alfabetização. Ao se tornarem letradas, as crianças conquistam um posicionamento crítico em relação ao mundo e refinam seus olhares contemplativos. O processo de letramento é contínuo e acompanha o ser humano no decorrer de toda a vida. A seguir, sistematizamos visualmente os percursos de alfabetização e de letramento pelos quais as crianças percorreram ao longo das ações extensionistas.

Figura 1 - O percurso formativo das crianças do segundo ano



Fonte: Elaborado pelos autores.

As crianças, os extensionistas e a professora percorreram um caminho de descobertas e aprendizagens ao longo do ano letivo. As letras foram além de figuras simbólicas e tornaram-se arte por meio da escrita. Mobilizaram memórias, experiências e percepções de mundo. Foi preciso aprender a escolher múltiplas palavras e símbolos que transformam ideias e sentimentos em texto escrito. Desenvolveram de forma autêntica e autônoma seus saberes, tornando-se protagonistas do processo de aprendizagem.

Na semana que antecedeu o evento de entrega do livro, ocorreu a visita ao museu. Levar as crianças ao museu foi uma forma de auxiliá-las a perceber que “[...] o museu é lugar para todas as pessoas, não somente no que diz respeito ao acesso físico, mas também no sentido de identificar, compreender e sentir-se representado nas culturas contempladas nos acervos museológicos” (Neto; Krames; Hundenski, 2023, p. 66-67). Por essa razão, o Museu Histórico de Itajaí promove atividades educativas compostas pela mediação do acervo em exposição e pelo direcionamento desses recursos ao público estudantil, estabelecendo diálogo com a escola.

A educação museal permite que a sala de aula se estenda para além dos limites da escola, proporcionando de forma lúdica e dinâmica a construção do conhecimento.

A experiência no museu proporcionou uma compreensão mais concreta dos conteúdos abordados em sala de aula. A da história local foi abordada com ênfase nas pessoas comuns, ou seja, aquelas que não são mencionadas nos registros históricos consagrados, mas que desempenharam e continuam a desempenhar um papel relevante na construção da história. Essa abordagem historiográfica almeja que as crianças, ao compreenderem os processos históricos e sociais, desenvolvam uma consciência sobre si mesmas como sujeitos históricos. Nesse sentido, o museu desempenha um papel fundamental, ao promover a valorização da diversidade como um legado construído ao longo da trajetória da humanidade e que, por direito, pertence a todos.

As atividades desenvolvidas no Museu Histórico de Itajaí foram organizadas em três etapas distintas. Primeiramente, foi estabelecido um diálogo entre as crianças, os professores e os mediadores com o intuito de explorar e compartilhar os conhecimentos prévios das crianças sobre o local onde se encontra o museu. A partir dessas trocas de saberes, realizou-se uma contextualização acerca da relevância histórica das dependências físicas do Museu Histórico de Itajaí: fundado em 1982 pelo colecionador João do Amaral Pereira, está situado no Palácio Marcos Konder, outrora sede dos três poderes da República desde sua construção, em 1925. O museu está direcionado, de acordo com seu projeto expográfico, a contar a história oficial da formação econômica, social, cultural e identitária da cidade de Itajaí (Itajaí, 2022).

Em seguida, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer e explorar todos os espaços físicos do museu, com especial ênfase no setor intitulado "O Rio e o Mar". Essa seção do museu aborda a formação da economia da cidade, que inicialmente tinha por base o corte de madeira e a construção de embarcações para pesca e transporte. Durante essa visita, o recurso tátil foi utilizado, permitindo que as crianças interagissem com a estrutura de um barco de pesca semelhante aos produzidos na cidade entre os séculos XVII e XVIII (Itajaí, 2022). Essa experiência possibilitou que as crianças vivenciassem a realidade material dos objetos como fonte histórica, enriquecendo a compreensão sobre a história local.

Na terceira e última fase da visita, as crianças foram conduzidas ao Salão Nobre Rui Barbosa, onde participaram de uma roda de conversa. Nesse momento, foi salientada a relevância do museu como um espaço cultural, histórico e educacional, bem como um local de acesso inalienável a todos os cidadãos. Então, as crianças foram incentivadas a convidar os familiares para visitar o museu nos finais de semana, sendo que o acesso ao local é fácil devido às linhas de ônibus que percorrem os bairros até o centro, onde o museu está situado.

A problematização do acesso ao museu e o processo de alfabetização e letramento das

crianças incorporam e exemplificam o propósito emancipatório educacional descrito por Thiollent (2022), o qual foi perseguido pelos extensionistas: “Um projeto educacional é considerado emancipatório especialmente quando permite aos grupos, de condição modesta, terem acesso a conhecimentos que não teriam alcançado de outro modo” (Thiollent, 2022, p. 44). É possível afirmar que sem a sensibilidade da escuta e atenção às demandas das crianças, como por exemplo a curiosidade de conhecer um museu ou as dificuldades no processo de alfabetização, o acesso ao conhecimento não teria ocorrido da forma como foi descrito.

A partir do contato com o museu e com a produção do livro, as crianças passaram a utilizar novas ferramentas para construção e ampliação de conhecimentos. Nesse sentido, a ação emancipatória que Thiollent (2022, p. 44) conceitua materializa-se exatamente no acesso a “universos culturais mais amplos”, pois esse acesso fornece à criança conhecimentos diferenciados de referências sociais que tendem a impactá-la e acompanhá-la no decorrer da vida.

A emancipação se realiza, primeiramente na mentalidade, gerando principalmente uma mobilização que leva a sonhar e enxergar novas possibilidades de ser e expressar o que se é no mundo, para que então efetivamente se torne realidade nas conjunturas possíveis a partir dessas novas ferramentas. Esses aprendizados e experiências viabilizam exatamente a capacidade de autorreconhecimento como sujeito e visualização de cenários alternativos. Freire (2014) afirma que somos “seres histórico-sociais”, e “nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper” (Freire, 2014, p. 34). Todas essas capacidades são viabilizadas por intermédio da educação. Sendo assim, as práticas de extensão carregam consigo potencial para colaborar com esse processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações desenvolvidas no projeto relatado abrangem atividades de leitura e escrita, culminando na elaboração de um livro de histórias produzido pelas próprias crianças. Além disso, as crianças tiveram a oportunidade de visitar o Museu Histórico de Itajaí, estabelecendo uma conexão entre o conhecimento teórico e a vivência prática. Essas práticas extensionistas, portanto, demonstram de forma concreta a integração entre pesquisa, ensino e extensão, ao promover a participação ativa dos estudantes, o engajamento com a comunidade local e a produção de conhecimento relevante para a sociedade.

A maioria das crianças chegou ao final do ano alfabetizada. Certamente, isso não é resultado somente das ações aqui relatadas, mas sim do esforço e da dedicação diários da

professora regente, das famílias envolvidas e da escola como um todo. É possível afirmar que as práticas deixaram marcas na formação dos extensionistas, porque estes vivenciaram parte do processo de alfabetização e letramento junto às crianças, e o ao término do projeto, percebeu-se que houve contribuição para a formação de todos os envolvidos.

No que tange à visita ao museu, é possível afirmar que o referido espaço marcou de forma intensa as crianças, porque ficou explícita a alegria delas, ao desbravar novos lugares e sentirem-se convidadas a retornar ao museu acompanhadas pelos familiares. Para futuros estudos, seria pertinente investigar se a partir da visita das crianças, as famílias passaram a visitar o museu. Por enquanto, pode-se afirmar que a escola e o projeto de extensão cumpriram a missão, ao apresentar às crianças outros espaços culturais além da própria escola, enfatizando a ideia de que esse o museu pertence a todos por direito.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/CNE, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 11 de jun. de 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso em: 11 de jun. de 2023.
- FLORENTINO, N. R. **Da janela de Minas**. 1. ed. São Paulo: Editora Itaú, 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- ITAJAÍ. **Plano Museológico do Museu Histórico de Itajaí: 2022-2027**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 2022.
- KRAMES, I. P.; CARDOSO, A. C. B. CAMPOS, S. S.; POLICARPO, M. E. Diálogos Possíveis: práticas educacionais para a Escola e a Comunidade. *In*: BARROS, E. B. R. de (Org.). **Extensão PUC Minas: Novo Humanismo, novas perspectivas**. 1. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2022, v. 1, p. 643-652.
- NETO, G.; KRAMES, I. P.; HUNDENSKI, M. D. O movimento dialético do Museu: Representação de Identidades via Educação Patrimonial. *In*: **5º Seminário Interdisciplinar em Museologia** [livro eletrônico]: o museu para a comunidade / organização Fundação Hermann Hering. 3. ed. Blumenau: Fundação Hermann Hering, 2023.
- ONU. **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wpcontent/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

SOARES, A. F. C; NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. A potência cultural da escola: estudos sobre mediação e formação estética. *In*: NEITZEL, A. de A. CARVALHO, C. (Orgs.).

Mediação cultural, formação de leitores e educação estética. Curitiba: CRV, 2016. p. 53-66.

SOARES, A. F. C. **A cultura e a arte na escola e outras histórias.** 2016. 289 f. Tese (Doutorado em Educação - área de concentração: Educação) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2016. Disponível em: <https://www.univali.br/Lists/TrabalhosDoutorado/Attachments/92/andrey-2016-2.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

THIOLLENT, M. Construção do conhecimento e metodologia da extensão. *In*: THIOLLENT, M.; IMPERATORE, S.; SANTOS, S. R. M. dos (org.). **Extensão Universitária: concepções e reflexões metodológicas.** Curitiba: CRV, 2022.